

## OS FESTEJOS DEVOTOS DO TICUMBI COMO UMA NARRATIVA IDENTITÁRIA TERRITORIAL NA PAISAGEM DA VILA DE ITAÚNAS, ES

*Ticumbi's devout celebrations as an identity territorial narrative in Vila de Itaúnas' landscape*

Maria Aparecida de Sá Xavier<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta os festejos do Ticumbi na Vila de Itaúnas, como narrativa, uma produção sociocultural, histórica e geográfica. Um habitar poético cria uma estética. O Ticumbi é um congo, e maior Instituição Social local, em razão de organizar todo o calendário da Vila, numa rede de afetos. A Vila é habitada por pescadores artesanais, e fica ao norte do estado do Espírito Santo, Conceição da Barra, sendo local (re)apropriado pelo turismo, pela grande beleza paisagística. A visibilidade do Ticumbi ocorre principalmente nos festejos devocionais dos dias próximos de 20 de janeiro, dia de São Sebastião, onde se comemora também São Benedito. É possível apresentar as cenas deste evento como "atos" e por isso dividimos em cinco atos. Podemos dizer que este é um processo festivo, religioso, mas profundamente político, no sentido arendtiano; assim inferimos que os festejos devocionais são uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas.

**Palavras-chave:** Ticumbi. Narrativa identitária. Paisagem. Vila de Itaúnas, ES.

### ABSTRACT

This research presents Tibumbi's celebrations in Itaúnas village, as narrative, as socio-cultural, historical and geographical production. The poetic dwelling creates an esthetic. Ticumbi is a *congo* and is the biggest local social institution. It organizes village calendar, in a network of affections. The village is inhabited by fishermen and is located in Espirito Santo's State north, at Conceição da Barra city. This location is suitable for tourism due to the beautiful landscape. Ticumbi's visibility occurs mainly in devout celebrations around 20<sup>th</sup> January, San Sebastian's day, and in which Saint Benedict is also celebrated. This celebration's scenes can be displayed as "acts" and were, therefore, divided into five acts. We can say that this process is festive, religious, and but deeply political in Adendt's sense; so we infer that the devout celebrations are a territorial identity narrative in the landscape of Itaúnas Village.

**Keywords:** Ticumbi. Identity Narrative. Landscape. Vila de Itaúnas, ES.

<sup>1</sup> Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo; bolsista CAPES. airamxavier@yahoo.com.br.  
✉ Prédio Bárbara Weinberg, sala 115. Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, ES. 29075-910.

## INTRODUÇÃO

A pequena Itaúnas é uma Vila formada por uma população de pescadores artesanais, e que são considerados **população tradicional**, de acordo com a formulação do Decreto nº. 6.040, de 07 de fevereiro de 2007; esta define a categoria **povos e comunidades tradicionais** como sendo grupamentos culturalmente diferenciados, com auto reconhecimento e formas próprias de organização social. Sendo que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando saberes, inovações e práticas gestadas e transmitidas através da tradição.

Da sua localização geográfica podemos dizer que está no litoral norte do Espírito Santo, município de Conceição da Barra, fazendo limite com Bahia, e consiste numa região (re)apropriada pelo turismo, devido principalmente ao conjunto de forte beleza paisagística composta de dunas moveis, rios, fragmentos de Mata Atlântica, alagados, e extensa praia com um mar de temperatura agradável, além do tradicional **fórró** e seus desdobramentos (festival). Todo o “conjunto paisagístico natural” (XAVIER; BASSETTI, 2014)<sup>2</sup> é preservado e fiscalizado pelo PEI (Parque Estadual Itaúnas)<sup>3</sup>.

Pretendemos apresentar o Ticumbi, esse congo diferenciado do norte do ES, como a maior Instituição Social da Vila de Itaúnas, em

razão, entre outras, de organizar todo o calendário da Vila, numa rede de reciprocidades e solidariedades. Para tanto nos amparamos em uma pesquisa etnogeográfica de Xavier (2009), de abordagem humanística, fenomenológica, hermenêutica, cultural, realizada no período entre 2005 a 2008, na localidade da área urbana da Vila. Tivemos como foco a expressão da espacialidade na cultura local, e os comunitários foram nossos informantes privilegiados.

Tradicionalmente este folguedo ou dança é composto por um determinado número de integrantes e se realiza em comemoração a São Benedito. A categoria Ticumbi foi inventada por Luiz Guilherme Santos Neves, historiador e folclorista capixaba para diferenciar o congo da região do norte do Espírito Santo dos outros congos. Segundo Oliveira (2005) e Medeiros (2008), os integrantes mais antigos do congo e a população remanescente de quilombos do norte do ES, só o tratam por Baile de Congo. Este tipo de congo é considerado uma das mais importantes manifestações da cultura<sup>4</sup> afro-brasileira capixaba, sendo que, segundo Medeiros (ibid.), o termo pode ter sido usado numa corruptela do Cucumbi. O Cucumbi existe no Nordeste e o Cacumbi no Rio de Janeiro; neste caso o mestre Guilherme trocou o nome original de Baile de Congo por Ticumbi, mesmo assim os mais tradicionais continuam se referindo à festa como Baile de Congo<sup>5</sup>. Entretanto, como os entrevistados dizem Ticumbi, usaremos esta categoria para referirmos ao festejo, cortejo na Vila.

<sup>2</sup> Esta é a forma como o “turismo” se apropria da paisagem – como mercadoria que vendida é consumida pelos grupos e indivíduos através dos “pacotes” turísticos.

<sup>3</sup> O distrito conta com três Unidades de Conservação, sendo duas de uso restrito (Reserva Biológica do Córrego Grande, Parque Estadual Itaúnas) e uma de uso sustentável (Floresta Nacional do Rio Preto). Na formulação ambiental da década de 1990, o PEI apropriou-se verticalmente de parte do território do distrito da Vila de Itaúnas, na ideologia da preservação. Esse fato trouxe grande incômodo por um lado, mas conservação de outro. O impasse entre comunidade e parque está implícito em sua paisagem, mas que não cabe nos limites deste artigo.

<sup>4</sup> Aqui não trataremos o congo como folclore, posto que esta seja uma forma romantizada de tratar as expressões socioculturais dos afrodescendentes, produtores desta expressão, como não protagonistas, mas sim agentes esquecidos. A cultura tem sido transformada em atrativo turístico (apropriado pelo capital) e como tal torna-se desvinculado de seus agentes, sem nenhuma expressão política, o que não concordamos. (OLIVEIRA, 2005).

<sup>5</sup> Por todo o Brasil os festejos de São Benedito terminam em fórró e na Vila o fórró se transformou em atrativo turístico para jovens que participam dos festivais de fórró (um desdobramento) vindos principalmente de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro (XAVIER; BASSETTI, 2014).

## Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES

Maria Aparecida de Sá Xavier

Neste sentido este artigo intenciona apresentar os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa de traço identitário territorial na paisagem; sendo esta última como um produto da relação sociedade-natureza, portanto uma produção sociocultural, histórica e geográfica. De fato, um dado a mais da dimensão cultural de uma sociedade, no caso a Vila de Itaúnas. Na construção deste artigo realizamos como metodologia, num primeiro momento, uma reanálise com mesma abordagem da pesquisa suporte<sup>6</sup>, tanto dos dados qualitativos etnogeográficos, quanto teóricos, porém com maior aprofundamento de literatura pertinente sobre os temas circundantes: paisagem, identidade, narrativa identitária, os festejos devotos, geossímbolos, corpo; no aprofundamento da reflexão sobre a espacialidade local<sup>7</sup>. Num segundo momento procedemos à revisão do amplo material iconográfico, assim como das entrevistas e pequenos vídeos do trabalho etnogeográfico referido, para reflexão sobre socioespacialidade local. Ocorreu também em março de 2015 retorno ao campo do estudo, que propiciou diálogos informais, e observação participante.

Para esclarecer, a paisagem da qual falamos, está para além de uma visão pictórica estática, e se apresenta como processo fluido e dinâmico, uma narrativa cultural, uma convivência, como nos demonstra Claval (2004, p. 49), pensando no termo cunhado por Gilles Sautter. Argumentamos que processos culturais criam imagens impregnadas de luzes, cores, de sons como marcas que vão ficar na memória dos agentes sociais de um espaço-tempo vivido – são e estão

num contexto de espacialidade. Nesse contexto são narrativas num sentido que expressam, contam, falam das referências espaciais de um acontecimento – reportam experiências espaciais – ato territorializante que se apresenta como forte fator identitário dessa comunidade de pescadores artesanais, com modo de vida tradicional da Vila de Itaúnas. Argumentamos que a identidade é uma construção do/no processo sociocultural, na vida de relação, não sendo fixa. Contém jogos de poder, e são narrativizações do eu, mas isso não diminui sua eficácia discursiva (é o que veremos em outro tópico).

Assim sendo a paisagem aberta em tela apresenta-se nada estável, como um fluxo, com movimento incessante, e por isso marca e se estabelece na história social da comunidade como parte da memória de um espaço-tempo; assim se fixa em objetos como bandeiras, imagens de santos, enfeites e adornos, tronco do pequi-vinagreiro, tendas, conjuntos arquitetônicos, caminhos e trilhas, e no próprio **corpo** através de indumentárias – transfiguradas em **geossímbolos**<sup>8</sup>. No ato de territorializar (ação de tornar um espaço banal, seu território) os grupos vão deixando marcas do seu *ethos* cultural – que podemos compreender como semiografias – esta “forma” inscrita na *geo* (terra), Bonnemaïson (2002) chamou de geossímbolos. Nesse caso, também é possível compreender o “corpo” como primeiro espaço e território, através de Tuan (2013, p. 49), quando diz que o ser humano, “como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais” Nesse sentido o **corpo** ou conjunto de **corpos** também pode atuar como geossímbolos. Não cabe discutir aqui, mas os seres humanos em estado social são indivíduos e sociedade, como nos apresenta Elias (1994), e nesse sentido, podemos inferir que

6 A tese – uma pesquisa de abordagem etnogeográfica, que ampara todo este trabalho. Cabe informar, a fim de esclarecer, que uma pesquisa etnogeográfica é (segundo Clifford Geertz) uma etnografia modificada para geografia, onde o importante será a expressão da cultura no espaço. Faz parte dessa abordagem a observação participante, caderneta de campo, fotografias, pequenas filmagens, questionário com roteiro memorizado (XAVIER, 2009)

7 Este artigo é parte de um aprofundamento, que foi possível graças ao pós-doutoramento, financiado pelo Capes.

8 Termo cunhado por Jöel Bonnemaïson (2002), para dar conta dessa forte ligação entre os humanos e seu território.

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

o corpo individual traz a marca identitária do grupamento social ao qual pertence, ou ao qual se filia.

O espaço dos geossímbolos se apresenta como – lugar, itinerário, extensão – que num dado espaço-tempo pode vir a assumir uma dimensão simbólica muito forte para certos grupamentos étnicos, sendo que, nessa dimensão, vem cumprir o papel de reforço da identidade coletiva (BONNEMAISON, 2002). Aqui, interpretamos como sendo este o caso.

Nessa perspectiva do pensamento, vamos percorrer cinco tópicos que se seguem como aprofundamento dos conceitos e também imagens experienciadas que ilustram-narram à paisagem no trabalho. Os conceitos foram usados para a (re)análise e posterior discussão da Paisagem do Ticumbi na Vila de Itaúnas como uma narrativa identitária, tendo, finalmente, algumas inferências, para não concluir.

#### PAISAGEM: UM CONCEITO GEOGRÁFICO

A paisagem é um dos conceitos mais antigos da geografia, sendo um dos primeiros temas desenvolvidos pelos geógrafos alemães utilizando a dimensão cultural. Na década de 20, do século XX, essa dimensão foi incorporada pela geografia cultural por meio do geógrafo Carl Sauer, da Escola de Berkeley (MELO, 2005). Da França vieram importantes contribuições que privilegiaram os aspectos culturais da geografia, como apresenta Claval (2002), citando Jean Brunhes e Pierre Deffontaines.

Claval (2002) indica que os processos culturais se inscrevem num espaço, e por isso os fatos culturais interessam tanto à geografia. Neste caminho do pensamento “a paisagem é marca e matriz de uma cultura, ela contribui para transferência, de uma geração para outra, dos saberes, crenças, sonhos e atitudes sociais” (CLAVAL, 2002, p. 146;

BERQUE, 2004). Nesse sentido é interessante o trabalho apresentado por Côrrea (2004), que valoriza as semiografias de uma paisagem, que designa de **paisagem conivente** do território-terreiro do candomblé na Bahia. É bom esclarecer que o termo paisagem conivente foi cunhado por Sautter e apropriado por Bonnemaïson (2002, p. 107; CÔRREA, 2004, p. 86) para dar conta de uma ideia de paisagem que possui **visibilidades** (materialidade), mas também está impregnada de **invisibilidades** (o imaterial), um encontro entre significados e significantes. Será assim o “lugar de um encontro e de uma emoção quase sensual entre os homens e a terra” que se atualiza através das gerações, e onde **raiz e cultura** estão embebidos de um sentido particular, conferido pelo lugar.

Neste caso o território será o encarnador dessa cultura, que pode se expressar numa e como uma Paisagem – paisagem cultural – com seus fixos e fluxos – reciprocamente suas procissões (fluxos), e suas construções (fixos), seus itinerários, seus geossímbolos. Este último como significações culturais de um dado espaço-tempo, que inscrevem como uma **semiografia** as identidades territoriais – marcados pela etnicidade, e que podem atuar como uma verificação terrestre dos mitos que são ao mesmo tempo fonte de poderes cósmicos e os fundamentos da organização social (CORRÊA, 2004, p. 18).

Vale ressaltar que Bonnemaïson (2002, p. 93) usa a categoria **etnia** num sentido amplo, sem referência ao biológico, e, portanto não importando a existência de ancestrais comuns (reais ou hipotéticos). A etnia para ele está ligada a uma consciência de si mesmo enquanto pertencendo a uma cultura, e (re)produzindo esta cultura. “É em seu seio que se elabora e se perpetua a soma das crenças, rituais e práticas que fundam a cultura e permitem que os grupos se reproduzam”. Neste artigo seguimos o autor supracitado.

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

Na compreensão da noção de território como encarnador da cultura – reforçamos que este se apresenta como inscrições de uma semiografia identitária, e nestes termos podemos compreender este território carregado de uma forte dimensão simbólica anunciada através de seus geossímbolos – que operam como marcas na matriz da identidade do grupo; e estão presentes na paisagem, ao mesmo tempo, como marca e matriz de referências culturais coletivas que dão sentido ao **habitar**. Ainda é possível dizer que será através dessas marcas identitárias que o grupamento se reconhece e se faz reconhecer. Nestes termos os convidamos a alcançar melhor o que chamamos aqui de identidade – no jogo.

#### IDENTIDADE: NO JOGO ENTRE IGUAL E DIFERENTE

O tema se apresenta relevante e atual em face da desestabilização das velhas identidades – fenômeno da modernidade tardia, ou alta modernidade que portanto tempo estabilizaram o mundo social. Novas identidades estão sendo construídas, e este indivíduo moderno em seu limite, se apresenta um tanto “fragmentado” no processo, segundo Hall (2000). No entanto Harvey (2005, p. 219) diz que, na compressão do tempo/espço onde o único tempo concebido é o presente (o mundo esquizofrênico) e o espaço parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações, numa “espaçonave terra” de interdependências que vão da ecologia à economia, temos que estar sempre aprendendo a lidar com esta avassaladora realidade (uma imposição) do limite da Modernidade. Esta experiência apresenta-se como um grande desafio à identidade sociocultural, uma tensão permanente e também um estímulo. Esta perturbação vem trazendo uma diversidade de reações sociais, culturais e políticas, e as narrativas identitárias territoriais

vem ocorrendo em várias partes do mundo, numa ação de reforçar o pertencimento a algo a que se pertence – território.

As experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais, segundo Harvey (2005) citando Bourdieu, sendo que uma mudança nestas experiências varia as representações e quase certamente gera algum tipo de modificação nas relações sociais, como num circuito. Harvey (2005) ainda demonstra claramente a influência destas narrativas como representações de espaço/tempo na identidade dos indivíduos. Na visão de Manuel Castells (2001, p. 22) o termo identidade diz respeito a atores sociais e se constitui como um processo sempre em construção de um conjunto de significados, tendo como base um quadro de referência cultural, ou ainda o que ele chama de “conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. No entanto esta pluralidade gera certa tensão e contradição da auto representação na ação social. Em razão disto, Castells (2001) chama atenção para o fato de que as identidades múltiplas não deveriam ser confundidas com os papéis, e conjunto de papéis que os atores sociais representam. Estes papéis (trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, professor, etc.) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. Cada um destes papéis tem a capacidade de influenciar o comportamento das pessoas do entorno e depende de negociações e acordos entre os indivíduos e as instituições e organizações. Neste processo se os atores sociais internalizam seu papel, este pode vir a ser a sua identidade.

Assim sendo, as identidades constituem fontes de significado simbólico para os atores, sendo originadas e construídas por eles no processo de individuação, como também na relação com os outros. Castells (2001) prossegue completando que a construção

## Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES

Maria Aparecida de Sá Xavier

desta identidade, dentro deste processo (um jogo dialético entre eu e nós), vale-se da matéria-prima de múltiplos fatores como a geografia (diria a forte conotação da paisagem conivente, questões da construção da territorialidade, lugar, etc.), a história, a biologia e ainda as instituições sociais produtivas e reprodutivas, através da memória coletiva. No campo psicanalítico pelas fantasias pessoais (individualização), como também através dos aparatos de poder e ainda as importantes revelações de cunho religioso (outro poder simbólico). Toda esta bagagem é processada por indivíduos, em estado social ou de comunidade, nos grupos sociais e sociedades que reorganizam seu significado em função das tendências, escolhas de projetos culturais assumidos em sua estrutura social, bem como na visão de um tempo/ espaço.

Importa para Castells (2001) quem constrói a identidade coletiva, e “para quê” esta identidade é construída? Na visão deste autor, estes são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. Por isto é importante entender o jogo entre o igual e o diferente. Este jogo tem um desempenho linguístico que se consolida dentro de uma dada cultura, sendo que esta concebe sistemas classificatórios para ordenamento de um mundo. Estes atos de criação linguística são entendidos como representações simbólicas (de uma forma mental/cultural) que informam aquilo que é (o igual), daquilo que não é (o diferente).

A cultura constrói (e é construída) num processo entre discursos, lugares (paisagens), e ainda das experiências dos indivíduos em seu ‘lugar’ social, consigo mesmo (psicanálise), no seu grupo familiar, sua escola, trabalho, enfim com os outros e com o mundo (BERGER; LUCKMAN, 2002). Em razão disto posso inferir que identidade e a diferença, concordando com os autores acima, não são criaturas do

mundo natural ou de um mundo transcendental, mas de um mundo cultural e social. O jogo da identidade e diferença se apresenta como criações socioculturais que podem se expressar através de atos linguísticos.

Como a linguagem é um sistema de elementos (signos), dentro de um grupo social, estes têm certas propriedades, que o jogo da identidade e diferença herda ou acompanha. Silva (2000, p. 77) argumenta que os signos numa língua não têm qualquer valor absoluto, e não faz sentido isoladamente; e grosso modo, precisam estar conectados a uma cadeia ou rede de eventos infinitos que são diferentes deles (outras marcas gráficas ou fonéticas). Por exemplo, sou brasileiro, porque não sou argentino, nem francês, nem espanhol. Para não estender o assunto, o autor diz que a língua (um sistema de signos), não passa de um sistema de diferenças. Nesse caso, é importante dizer que a diferença e a identidade são coprodutores uns dos outros, e na ação de formação de um território vamos encontrar esse **campo de forças** (relações de poder em fricção) onde se define, a um só tempo o limite, e a alteridade, num jogo marcado pela *difference*, entre um grupo (ou eu) e os outros. Nesse jogo se assume posições, relações de poder<sup>9</sup> e força.

A identidade então será uma expressão do ser no mundo, em estado social, uma linguagem, uma narrativa. Hall (2000, p. 109) diz que a identidade tem a ver tanto com as questões “quem somos nós” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós mesmos. As identidades surgem das narrativas do eu, de natureza

<sup>9</sup> Essas relações de poder se processam na territorialidade (ação de tornar um espaço banal seu território, na fricção com outros), assim como identidade, sendo que os geosímbolos apresentam essas formas encarnadas no território; já o poder aqui está como em Foucault (1995), são ações sobre ações, com efeitos, sem conflito com liberdade.

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

ficcional, o que não diminui em nada sua eficácia discursiva, material e simbólico/política. Mas, no caso aqui, é preciso pensar num coletivo, a fim de compreender como essa narrativação da identidade do *ethos* local se expressa na Paisagem da Vila.

Propomos voltar à questão espacial, pensando com Heidegger (2002), que o estar do homem no mundo é espacial, pois os humanos se demoram. Para este autor, o espaço será aquele que recebe sua essência dos lugares, deste habitar do homem que demora nos lugares. Pois estes seres em estado social dão ordenamentos, sentidos e uma significação a cada ação, objeto, natureza, naturezas através do seu corpo, no seu corpo, que também é um espaço do habitar, e expressar, pois:

[...] poeticamente o homem habita.  
 Resguardar a quadratura, salvar a terra, acolher o céu, aguardar os divinos, acompanhar os mortais, esse resguardo de quatro faces é a essência simples do habitar. As coisas construídas com autenticidade marcam a essência dando moradia a essa essência (HEIDEGGER, 2002, p. 165, 138).

Assim sendo podemos apresentar a narrativa identitária na Vila como paisagem, com a força da essência do habitar – geopoéticas. Nos termos de uma imagem que pode ser vivenciada e descrita, dentro de um contexto de retórica pedestre, no experiencial do espaço-tempo vivido, vejamos como se dá.

#### NARRATIVA IDENTITÁRIA TERRITORIAL COMO PAISAGEM?

Neste trabalho privilegiaremos a força imagética das paisagens culturais da Vila de Itaúnas. A paisagem pensada como um fluxo de imagens (movimento), em constante mutação, e dialeticamente um eterno retorno do mesmo, porém sempre novo – renovado. As

semiografias serão descritas como narrativas socioculturais. Uma leitura de um “lugar” possível, de um campo de observação, e por isso mesmo, sem a possibilidade da totalidade de ver tudo, entretanto compreendendo a unidade contida no *momentum*. Nestes termos a paisagem capturada pode ser um fragmento, mas a experiência de cada um em observar um *momentum* desta paisagem corresponderá, neste sentido, uma possibilidade única de vivenciar, ou melhor, experienciar o todo – na unidade de dada cultura<sup>10</sup>. Cosgrove & Jackson (2007) informam sobre essa paisagem e sua força imagética:

Se a paisagem passa a ser considerada uma imagem cultural, “um meio pictórico de representar ou simbolizar tudo o que circunda o ser humano, então pode ser estudada através de vários meios e superfícies: por intermédio da pintura sobre tela, da escrita sobre o papel, das imagens gravadas em filme, e mesmo da terra, da pedra, da água e da vegetação sobre o solo” (Cosgrove; Daniel, 1987). Cada um desses meios revela significados que os grupos humanos atribuem às áreas e aos lugares, e permite relacionar estes significados a outros aspectos e condições da existência humana (COSGROVE; JACKSON, 2007, p. 137).

Na experiência desse *momentum*, através de sua força imagética, poderá ocorrer uma transcendência. Nesse sentido é possível inferir sobre a transcendência da **experiência da arte** descrita pelo filósofo Gadamer (1985), que está para além de uma **experiência estética**. Para Gadamer (1985) esta transcendência ocorre através do processo de identidade hermenêutica do jogo e a arte representa bem esse jogo. O conceito de paisagem como uma configuração de símbolos e signos conduz a geografia a buscar metodologias mais interpretativas do que morfológicas, posto que não haja totalidades estáticas, mas totalidades

<sup>10</sup>Podemos recorrer à imagem de um fractal – o todo está contido em cada parte. São estudados para além da geometria euclidiana, e envolvem auto-semelhança, sistemas caóticos, e de uma complexidade infinita.

## Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES

Maria Aparecida de Sá Xavier

em movimento (uma citação de Sartre, *apud* SANTOS, 2004, p. 118). Neste caso a paisagem da Vila de Itaúnas que apresentamos é uma totalidade no sentido de Unidade para além das somas das partes, de forma e conteúdo, num processo dialético. Esta totalidade da cultura poderá ser percebida em suas diferentes expressões que semiografam o espaço através do vivido.

O vivido aparece nas redes sociais de reciprocidade, e de afeto, no dom do dar, receber e retribuir dos especialistas em cura como as benzedoras, o benzedor, e as parteiras. O espaço vivido e percebido é bem representado no mapa mental confeccionado por um jovem<sup>11</sup> – interlocutor privilegiado na investigação, apresentando “outro olhar” – um olhar de dentro da cultura, uma narrativa sobre o espaço e seus referenciais de mundo.

Na paisagem da Vila vamos encontrar uma forte religiosidade, muito embora nem sempre visível, como na paisagem conivente. Um olhar mais atento, aliado a dada época festiva pode fazer aflorar estas expressões religiosas. Esta religiosidade se apresenta como um híbrido do catolicismo popular e com forte influência da cultura afro-brasileira do Ticumbi. Estas expressões constituem um território onde o sagrado se manifesta, onde o próprio território é sagrado. Rosendhal (2008, p. 56) informa que a religiosidade e fé do catolicismo podem ser encontradas nos templos, nos cemitérios, os pequenos oratórios à beira dos caminhos, os itinerários percorridos pelos peregrinos, pelos caminhantes representam, entre outros, os meios visíveis pelos quais o território é vivenciado e reconhecido como tal.

Neste artigo, com a força da repetição, apresentamos a paisagem da Vila de Itaúnas como uma narrativa textual, uma configuração dinâmica de símbolos que foram sendo “lidos” através da pesquisa de campo, nas falas e ações, estratégias e táticas dos interlocutores e em

<sup>11</sup> Conferir o mapa mental de Lucas André Maia e interpretativo em Xavier (2009).

vários momentos (DUNCAN, 2003; COSGROVE; JACKSON, 2003). A abordagem privilegiada será fenomenológica, hermenêutica, cultural. O cultural deve ser entendido como em Geertz (2001, p. 215) onde diz: “Que é cultura, se não é um consenso?”.

Seguindo ainda o pensamento de Geertz (1989), em outro momento, podemos dizer que numa comunidade com um *ethos* religioso, como o caso da Vila de Itaúnas, a cultura será o tom, o caráter e qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – sua visão de mundo, seu *modus vivendi*. Um consenso entre as partes, um estado de coisas verdadeiramente bem arrumado para acomodar certo estilo de vida. Nestes termos podemos inferir que a sociedade opera através da cultura, mas que há um processo dialético entre sociedade e indivíduo, como em Elias (1994) quando diz que somos uma sociedade de indivíduos. E se somos uma sociedade de indivíduos, e é enquanto indivíduos e sociedade que espacializamos, semiografamos o mundo, tornando-o nossa “morada”. No ato de espacializar o mundo, estamos também expressando nossa forma de ser no mundo e com o mundo, através de um mundo. Nestes termos é possível pensar numa “narrativa de paisagem” – uma marca que expressa o modo de ser destes agentes no mundo, e também uma matriz, posto que ao criar ou produzir uma marca, sejamos também um produto desta mesma marca, num processo de identidade e diferença. Como nas palavras de Godelier (1990, p. 17) quando diz que os seres humanos não se contentam em viver em sociedade, mas que produzem uma sociedade pra viver. A paisagem é a marca de uma sociedade, matriz de referência de um espaço/tempo que fica na memória dos seus agentes; estes, num processo produção/reprodução sempre (re)leitura – constroem narrativas espaço-temporais. O corpo também será uma paisagem, uma narrativização do eu, da construção identitária, no encontro de corpos; corpo como espaço primeiro, território primeiro, e o espaço

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

exterior como extensão do próprio corpo, ou corpos (AZEVEDO, 2009; TUAN, 2013).

Nestes movimentos de corpos formando corpo social, em ação weberiana, os agentes sociais compõem desenhos, e formas. Por isto, e também, espaço da **casa** (do habitar) e suas simbologias, e das casas em conjunto formam uma rede social<sup>12</sup>, num movimento de reciprocidade realizado por seus agentes (trilhas como **retórica pedestre** de HARVEY, 2005). Nessa pesquisa, este movimento será interpretado como num quadro referencial objetivo, como uma “grade” de práticas socioculturais que se expressam num espaço. No sentido deste pensamento, Corrêa (2008) nos traz a questão dos itinerários simbólicos:

[...] os itinerários simbólicos regulares verificam-se em datas previamente definidas, datas festivas, comemorando uma ação política, uma devoção religiosa ou alguma tradição local. Os itinerários simbólicos irregulares, sem definição prévia da data, apresentam, no entanto, percursos consagrados pela prática, indicando a força de determinados itinerários. [...] A espacialidade da cultura é marcada por atributos simbólicos, associados a comemorações políticas, à fé e a protestos, entre outras manifestações (CORRÊA, 2008, p. 306).

Na possibilidade de entendimento é possível perceber estes itinerários simbólicos, constituídos através da configuração espacial das casas na Vila, nos cortejos de São Benedito e nas procissões de São Sebastião, no trajeto dos pescadores de bicicleta no caminho para pesca, o ir e vir das pessoas buscando uma palavra da benzedeira, do rezador e nos *topos* de localização dos ensaios dos grupos de Ticumbi. Há também um itinerário simbólico no ir e vir dos atores locais no suceder dos dias da semana, nas variações dos meses do ano, obedecendo às

<sup>12</sup> Como expõe Harvey (2005), quando convoca Bourdieu e Certau para um diálogo interessante.

práticas já constituídas e institucionalizadas. Este todo sociocultural em movimento formam Paisagens e geografias – semiografias, que o tópico seguinte apresenta.

### VILA DE ITAÚNAS: PAISAGEM EM ETERNO MOVIMENTO – UMA ALUSÃO ÀS DUNAS MÓVEIS

O caminho para a Vila ocorre entre eucaliptais e floresta nativa<sup>13</sup>. Um jogo contrastante forte, dos vários tons de verde com o chão amarelo da estrada de barro batido. Quando se encontra com outro veículo na estrada, um poeirão se levanta. É uma densa poeira amarela que nos impede de enxergar. Não é difícil se perder, posto às inúmeras estradinhas e bifurcações, e por isso é preciso sempre prestar atenção na via principal. Durante todo o trajeto é preciso diminuir a velocidade do veículo, uma vez que a estrada revela “costelas” ou ressaltos ondulados que impõe um tempo diferenciado ao condutor do veículo. É a chegada que impõe, o tempo da Vila é lento. Percebemos na estrada, em razão de algumas casinhas em meio à mata, um pequeno vilarejo, é Linharinho, um reduto de aquilombados sobreviventes em meio a um imenso eucaliptal. A questão da pressão sócio-territorial-político-ambiental se impõe na paisagem. Próximo da entrada, encontramos um novo assentamento sendo povoado, é a expansão da Vila que já sofre com a questão de moradia dos novos casais, e questão turística. Há um novo portal colocado na entrada e as pequenas casinhas coloridas e aconchegantes se apresentam como um anúncio de que ali é lugar bucólico e calmo. É preciso de novo reduzir a velocidade do veículo, e é bom diminuir a velocidade interior e observar a vida

<sup>13</sup> Há no lugar uma antiga disputa da antiga empresa de celulose, a Aracruz, que hoje se chama Fibria, pelo território para plantio de mais e mais eucalipto. Toda a região sofre essa pressão, controlada pelo PEI, mas a disputa se revela na Paisagem.

## Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES

Maria Aparecida de Sá Xavier

cotidiana que escorre lenta, entre seu arruamento de chão batido e areia, entre pequenas casas e pousadas. Entretanto, nos dias de feriados, e alta temporada – verão e inverno, a Vila se transforma em local com grande burburinho, intenso turismo desordenado. Um vai e vem de jovens vestidos com o despojamento característico do clima informal da e na Vila.

Importa informar que a Vila de Itaúnas compõe um território com cerca de 2800 habitantes, distribuídos entre área rural e urbana. A área urbana concentra cerca de 1500 habitantes, segundo o Parque Estadual Itaúnas (PEI – DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL, 2000), sendo que em alta temporada chega a receber 60 a 70mil turistas. O distrito é composto de três localidades rurais: Riacho Doce (que faz limite com Bahia); Paulo Vinha (assentamento rural) e Angelim (um território de remanescentes de quilombos). É banhada pelo rio Itaúnas, que lhe empresta o nome. O vocábulo Itaúnas tem origem em “*itá*, o que é duro, a pedra, a rocha” e “*una*, um adjetivo negro, preto, escuro” (FERREIRA, 2002) – **Itaúnas** significa “pedra preta” e dá a cor escura às águas do rio. Negra também são as **itaúnas** que afloram na praia, usadas como um “protetor” para a entrada e saída dos barcos pesqueiros, além de ser um **atrator**<sup>14</sup> de peixes, um **pesqueiro** natural.

Na sua história a Vila guarda um elo étnico e cultural com os índios botocudos que habitavam a região de todo o Vale do Rio Doce, representantes dos tupiniquins que viviam da caça, da pesca e agricultura, e oferecia forte resistência à ocupação do branco, nos séculos XVI ao XIX. Outro elo importante é com a cultura afrodescendente, pois no século XIX, o porto de São Mateus foi um grande recebedor de africanos escravizados (os bantos), que eram redistribuídos por comércio para a comarca de Porto Seguro, província

<sup>14</sup>Atrator é um termo da Biologia Marinha, e se diz daquele obstáculo no mar, que ao romper com a monotonia do azul, serve como atrativo e esconderijo para peixes.

de Vitória e/ou Rio de Janeiro (JOCAIB, 2005; OLIVEIRA, 2005). Sabe-se pelos trabalhos de Oliveira (2005), que, nestes termos, havia muitos negros em quilombos na região de São Mateus, Conceição da Barra – a região conhecida como Sapê do Norte. Essa herança híbrida étnico-cultural de índios, negros e brancos aparece em toda a **paisagem conivente** (uma paisagem de afetividade, carregada de representações sígnicas) da Vila Itaúnas. Essa paisagem nem sempre será percebida num primeiro olhar, num olhar de viajante, entretanto, se demora um pouco mais, já poderá perceber. Ocorre que há algo na paisagem, que salta aos olhos, pois está referenciado como uma marca-matriz, quer dizer, marca de uma cultura e matriz de identidade da mesma cultura, segundo Berque (2004). Nestes termos, a fé religiosa do catolicismo está bem representada pela igreja matriz de São Sebastião, tendo ao lado o mastro do mesmo santo católico (catolicismo oficial), bem na praça central. Imbricada está à religiosidade afro-brasileira, bem representada pelos grupos de Congo do Ticumbi e pela igreja não-oficial de São Benedito (catolicismo popular), num local muito mais escondido, camuflado, diria, ao lado de um restaurante tradicional. Em frente a essa igreja não-oficial há uma mesa de sinuca (sinal do profano), e ninguém “de fora” (outsiders) suspeitaria que ali se encontre um espaço onde sagrado e profano se encontram. Exceto em dias festivos, onde uma tenda é armada em frente a essa igreja, e outra em frente à igreja matriz de São Sebastião. Entendemos que esta fé é, também, marca identitária da comunidade, e está indissociavelmente ligada ao seu território, vindo desde a Vila antiga, como dizem os seus habitantes mais antigos. Veremos como isso se deu.

A Vila tem um histórico interessante com um antes e depois de um soterramento. Conta-se que a Vila Antiga situava-se na restinga, entre o rio Itaúnas e o mar. Por algum motivo e de acordo com várias lendas, neste trecho a vegetação original foi retirada. Com a areia solta, e

## Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES

Maria Aparecida de Sá Xavier

ação dos ventos nordeste e sudeste inicia-se o soterramento da Vila Antiga na década de 1950. O provável início do soterramento em 1925, e 1956 o soterramento parcial da Vila. Em 1960 a nova Vila de Itaúnas passa a ser construída, e o soterramento da Vila antiga é consumado na década de 1970 (FERREIRA, 2002). O acontecimento soterramento deixa como legado as dunas móveis, os alagados e a Vila atual com seu arruamento. Os comunitários informam que, desde sempre a Vila teve um ambiente religioso forte, marcado por suas festas religiosas, sendo a principal a de São Sebastião e São Benedito (19 e 20 de janeiro), sendo esse último padroeiro da Vila. Interpretamos que o Ticumbi na Vila de Itaúnas, está para além de apenas um *folk* (folclore), ele é reconhecido como uma Instituição Social – uma associação hierárquica, portanto política, com forte traço religioso do catolicismo popular e cultura afro-brasileira. Através da fé de seus participantes, expressa sua identidade nos encontros de congos, que se manifestam em comemorações, ensaios, rituais e festejos. Essa Instituição Social organiza o cotidiano e todo o calendário da Vila. Podemos inferir que se as instituições têm uma historicidade, a ponto de organizar o calendário, elas também têm uma espacialidade e funcionam como um controle social – opera uma territorialidade, inaugura um território. Para Berguer e Luckmann (1996), uma instituição social se origina do hábito, sendo que este implica que a ação possa ser executada e reproduzida, sem muito esforço e esses processos precedem a institucionalização. Os hábitos geram tipificação de ações – um modo de saber-fazer. Nestes termos de tipificações partilhadas, apresentamos o Ticumbi da Vila de Itaúnas, com seus atores sociais e posições – seus ordenamentos e políticas. Argumentamos que é possível, com um olhar acurado de quem se demora mais um pouco, perceber toda a história e historicidades narrativizadas através e na Paisagem da Vila (como já dito). A Vila hoje guarda em seu território as marcas de um passado encoberto por

muita areia, sentimentos, uma fé e solidariedade grandiosas, que a deixa sempre *viva*. Com cores muito vivas apresentamos os festejos brincantes, devocionais, como uma imbricação de sagrado-profano, da fé que une santos, deuses e homens e opera um encantamento, fazendo com que a Vila não sucumba nem à areia, nem ao descaso político, nem às pressões dos grupos de exploração do eucalipto, e agora o petróleo, nem às (re)apropriações do turismo exploratório, nem aos reordenamentos ambientais territoriais realizados à sua revelia (do seu povo). O lugar vive, sobrevive, e se nutre da fé, das histórias contadas, cantadas e principalmente **brincadas** por sua gente – a tradição sempre reinventada e reatualizada, para que o futuro sempre amanheça<sup>15</sup>. Esta é nossa interpretação dos festejos, que se descortina.

### OS FESTEJOS DEVOCIONAIS: HOMENS, DEUSES E SANTOS NO TICUMBI

É possível dizer que o homem é um ser festejante, e, portanto, festivo, e a festa é o ápice no seu sentido simbolizante e ritualístico. É certo que o ser humano necessita da festa: “*Vivir su vida es la cotidianidad del hombre; distanciar-se de sua vida, la fiesta*” (MARQUARD, 1998, p. 360).

Marquard (1998) cita Helmuth Plessner, que nos informa que o humano é um ser excêntrico entre os seres vivos, pois todos os demais vivem sua vida, enquanto que o homem não somente a vive, como também adota um comportamento em relação a ela, coisa que somente é possível porque toma distância de sua vida. Este distanciamento do cotidiano pode ser a festa – o homem necessita de festa. Os animais também têm cotidianidade: vivem. Deus tem tão

<sup>15</sup> É o que desejamos!

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

somente os domingos: contempla. Já os homens dispõem de ambas as coisas: vivem e se distanciam da vida; trabalham e festejam; dispõem da cotidianidade e da festa. A festa é uma excentricidade vital do homem: uma espécie de incerteza (dúvida), de interrupção da vida rotineira como uma moratória da cotidianidade. Marquard (1998) informa que outro modo de interrupção do cotidiano, é a guerra. Melhor então a festa.

Além de ser atitude celebrante, devocional, a festa opera fator identitário, um forte integrador do corpo social e por isso um regulador de conflitos sociais, que pode promover uma grande catarse da inovação sócioespacial (DI MÉO, 2001). A festa devocional, neste caso, assume a função de juntar os disjuntos, aproximar os devotos em comunhão na celebração, e demarcar um tempo/espço como sagrados – a experiência da hierofania, onde homens, deuses e santos dançam juntos (ELIADE, 1991; 1992; ROSENDAHL, 2001; CORRÊA, 2008).

Na Igreja católica oficial, há dois santos festivos e brincalhões, que permitem a dança, e a alegria: São Gonçalo e São Benedito (ZALUAR, 1983). No nosso caso, São Benedito, o santo mouro, negro e cozinheiro, é adotado por todos os grupos de congos do Brasil (GABARRA, 2006; 2007) – uma questão de identidade afro-brasileira. Na Vila, em seus festejos e ensaios há sempre fartura de alimento para os participantes<sup>16</sup>, cantoria, brincadeira, alegria e dança. Na continuação do festejar, ao final de cada ensaio é realizado um **forró** onde os participantes passam toda a noite, até o dia seguinte, e não há distinção de classe, ou idade, etnia, pois esses bailes configuram-se como uma confraternização

<sup>16</sup>Dizem os congadeiros que São Benedito, como cozinheiro que foi, é o santo da fartura de alimentos. Em razão disso, em festejo de São Benedito não pode faltar alimento, bebida, dança e alegria.

única. Desse ponto de vista, percebemos que o forró de Itaúnas, embora profano, está também integrado ao Ticumbi.

Na Vila encontramos três grupamentos de Ticumbi: Ticumbi de Itaúnas, Ticumbi Santa Clara (do Angelim) e o Ticumbi do Bongado (o mais antigo da Vila), que se revezam nas apresentações dos três dias de festejo-cortejo brincante. Importa afirmar a riqueza da indumentária corporal, posto que o corpo, neste festejo, tenha forte expressão territorial identitária (como já afirmado aqui, num primeiro momento). O corpo é enfeitado com roupas brancas, outras verdes e brancas, muitas fitas coloridas, sendo algumas enviesadas no corpo, na cabeça dos reis de Bamba e rei de Congo há coroas de papel dourado, e as capas dos dois reis tem estampas florais com cores fortes com fundo azul e vermelho (azul representando os cristãos, e vermelho os mouros), típica dos festejos afro-brasileiros. Na cabeça (nos cultos afrodescendentes a cabeça é lócus do poder do sagrado) usam chapéu ricamente ornado de flores multicoloridas e múltiplas fitas multicoloridas, artesanalmente organizadas por uma ética, estética moral da festa. A indumentária corporal participa como uma narrativa territorial corporal (repito), uma forte presença, um *dasein*, um ser-aí, sendo, existindo.

Os instrumentos usados são: o violão, sanfona em alguns casos, e muitos pandeiros enfeitados com fitas multicoloridas. Alguns grupamentos que vêm de Conceição da Barra usam uma saia branca rendada, a semelhança da indumentária do candomblé (CÔRREA, 2008, em comunicação pessoal), como também com o Reinado de Congo da região de Uberlândia, MG (GABARRA, 2004). Este grupo da Barra é considerado um dos mais tradicionais do Ticumbi, onde só se admite brincantes negros, todos afrodescendentes. Já os grupos que vem de Vitória, ES, diferem em indumentária, organização, cantoria,

## Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES

Maria Aparecida de Sá Xavier

bailado, e instrumentos rituais. Seus instrumentos básicos são a casaca<sup>17</sup>, tambores e chocalho.

No cortejo-baile brincante, todo o tom da festa pode ser pintado de cores fortes, vibrante e contagiante. São três dias de festejos com apresentação dos grupos de congo de várias localidades, do Alardo (uma encenação teatral de uma batalha medieval entre mouros e cristãos, e pode ser comparado com a **carvalhada** de Goiás, só que não há cavalos), Reis de Boi com todo seu aparato festivo, e um Jongo dançado apenas por mulheres<sup>18</sup>. Importante ressaltar que toda a comunidade é mobilizada, com exceção de poucos, as várias gerações se reúnem nos festejos. Para os mais antigos devotos é **saúde**<sup>19</sup> participar dos festejos, é contentamento transbordante! É um tempo de releitura e atualização da tradição que traz o tom do pertencimento.

Há espaço demarcado para apresentação dos grupos: a tenda de São Benedito e a tenda de São Sebastião, cada uma em frente a sua respectiva igreja, sendo que cada tenda está marcada por uma bandeira floral, com a imagem do santo estampada – esse é um **geossímbolo** que delimita um território como próprio, além das respectivas imagens – uma manifestação do sagrado. Ao lado das imagens se dispõe em cadeiras, como convidados, os baluartes do Ticumbi, os atores sociais mais significativos e antigos do “lugar”, juntamente com o violeiro. Em frente ao altar, e as autoridades do festejo, ocorre uma encenação dramatizada, profundamente vivenciada por todos, da disputa de dois reis, e seus secretários, pela homenagem aos santos. Os corpos se

movimentam em bailados e volteios, com revolteios espacializantes, numa coreografia encenada e muitas vezes ensaiada durante todo o ano. Os declames são cantados, provocativos e politizados, e sempre atualizados e a música compõe o cenário, suscitando emoções. Nesse momento tudo faz sentido, tudo encontra uma explicação e o ritual vai cumprindo a função – promove a cura, reorganiza o mundo, cumpre a tradição de recomeçar, atualizar para continuar.

Há um itinerário percorrido pelos cortejos dos Ticumbis, e pelos grupamentos de congos visitantes, assim como pela procissão de São Sebastião. As paisagens de corpos coloridos enfeitados, em cortejo e bailados se formam, e a cada momento uma nova imagem, um novo cenário se abre em tela. Este encontro social de três dias se configura uma festa de ritmos, sons e cores, mas não só. Apresenta-se como uma celebração cultural religiosa – um encontro marcado entre o espaço/tempo sagrado e o espaço/tempo profano (ELIADE, 1991; 1992). Neste sentido, nossa intenção não é descrever os detalhes dos festejos, mas trazer a imagem como uma representação, uma narrativa, uma poética do habitar, uma paisagem que marca a memória dos agentes sociais e do pesquisador, e concorre para a reprodução cultural como uma matriz significativa. Em nossa interpretação, essa narrativa de paisagem se apresenta como uma resistência territorial forte. Para Garcia (2001) estas manifestações ensinam para os mais jovens a hierarquia, a disciplina e a solidariedade. Por isso elas são tão importantes como uma marca e matriz de uma sociedade com relações de comunidade (no sentido de pertencimento dado por Max Weber).

No sentido de trazer a imagem vamos interpretar as etapas dos festejos, capturando alguns momentos. Costumeiramente, no início de janeiro e por volta dos festejos de São Sebastião (vinte de

<sup>17</sup> Casaca é um instrumento de percussão; trata-se de um reco-reco com cabeça e pescoço, e é originário da África. Foi documentado por Dom Pedro II, quando de sua ida a Nova Almeida (ROCHA, 2008).

<sup>18</sup> O jongo “antigamente” era dançado por homens e mulheres, mas em determinado momento ficou decidido que os homens iriam tocar, enquanto as mulheres dançavam. Foi um acordo, segundo um informante local.

<sup>19</sup> Conferir a questão da arte de curar nas populações com saberes tradicionais, em especial afro-brasileiras em Xavier (2009; 2012).

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

janeiro), é marcado o início dos festejos também de São Benedito. Os comunitários comemoram junto. Numa descrição que podemos encadear por “atos”<sup>20</sup>, descrevemos assim:

Primeiro ato: a chegada da imagem de São Benedito, de canoa pelo Rio Itaúnas, trazida pelos comunitários do sítio Areia Branca (sítio da D. Maria Catarina, festeira do Ticumbi do Bongado), é inesquecível. A imagem é transportada pelos devotos escolhidos para escolta, numa canoa ricamente adornada de múltiplas fitas e flores multicoloridas. Todos os corpos devidamente paramentados compõe a cena, além da música, há fogos. Muitos fogos, e alegria anunciam! A ponte sobre o rio Itaúnas está toda enfeitada de flores e folhas de palmeira. Crianças correm, é a chegada do santo.

Num segundo ato: a imagem é levada em cortejo procissão para a igreja de São Benedito que não é uma igreja oficial, posto que ela não seja vinculada ao clero, mas respeitada por todos os católicos da Vila. Todo o trajeto da procissão é ornamentado. Uma tenda é armada em frente à igreja de São Benedito e outra em frente à igreja de São Sebastião, para receber os devotos e os brincantes. Em cada tenda há uma bandeira multicolorida, adornada de múltiplas fitas coloridas, flores e a imagem do santo representado. Imagens dos dois santos permanecem num altar em meio às flores, e onde os brincantes e devotos passam, rezam, cantam e dançam. Há uma rica coreografia de passos marcados com cantorias que evocam os santos, mas também relata o cotidiano dos comunitários.

Num terceiro ato: começam os festejos com as brincadeiras do Ticumbi em homenagem aos santos. Profano e sagrado se imbricam numa festa de forte representação cultural afrodescendente. Vários

<sup>20</sup>De forma sucinta – numa tentativa não reducionista, pois o evento brincante, Ticumbi enquanto uma encenação religiosa, política de resistência territorial cultural, é muito maior que essa interpretação narrativizada.

Ticumbis se apresentam nas duas tendas, mas as encenações ocorrem uma de cada vez. Ora na tenda de São Benedito, ora na tenda de São Sebastião. As encenações se sucedem com o Ticumbi do Bongado, onde o Rei de Bamba e Rei de Congo encadeiam um desafio, ladeados pelos secretários e demais representantes.

Quarto ato: o Alardo, uma encenação também dos festejos em homenagem aos santos católicos, tem um tom medieval conformada em vários atos, com já dito, e ocorre em dois dias consecutivos, segundo meus interlocutores. Em geral, os jovens participam ativamente desta encenação como soldados. Os mais velhos ocupam os lugares de poder e destaque como capitão, por exemplo. A luta medieval é representada pelos mouros e cristãos, sendo que os mouros vestem o azul (representado por São Benedito) e os cristãos o vermelho (representado por São Sebastião). Os mouros capturam a imagem de São Sebastião e os cristãos tentam resgatá-la. Para isso se estabelece uma verdadeira batalha com uma luta de espadas, onde os cristãos vencem e recapturam a imagem para recolocá-la na igreja.

No último ato, segundo dia do Alardo, ocorre à conversão dos mouros em cristãos e o batismo dos mesmos. Toda a encenação é montada na Praça da Vila de Itaúnas, um *topos* central de encontro, como também de observação. Assim como o Ticumbi, esta encenação é ricamente construída em detalhes e durante todo o ano há ensaio com os participantes. Os jovens costumavam gostar muito do Alardo e participar ativamente dos festejos de São Sebastião e São Benedito, mas no último ano de 2015, o Alardo correu risco de não ser encenado por falta de jovens para compor o quadro.

A outra preferida é o Reis de Boi, uma encenação sincrética onde se mistura a festa de Reis, com a festa tradicional brasileira do Boi-Bumbá. A encenação guarda a característica do entrecruzamento cultural e étnico do povo da Vila de Itaúnas (índios, negros e brancos),

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

mas podemos especular que à proximidade geográfica com a fronteira da Bahia, ajuda muito. Ao final desta encenação de Reis de Boi, os bichos da floresta representados por fantoches de jacaré, do cachorro, a figura do boi propriamente (boi-bumbá dos mitos, festejos e lendas brasileiras), entre outros, assustam as crianças pequenas que correm gritando em alarde, medo e ao mesmo tempo alegria. Talvez este inusitado suscite a alegria, surpresa e por isso seja preferida das crianças. O Reis de Boi da Vila também se apresenta nestes festejos em homenagem aos santos católicos, e sua apresentação é bastante concorrida. Acreditando na força imagética<sup>21</sup>, apresento como **carto-fatos** (SEEMANN, 2008), uma narrativa identitária territorial como festejos de São Sebastião e São Benedito na Vila de Itaúnas; o território da Vila ganha contornos e relevos fortes, onde seus geossímbolos sobressaem, seus itinerários, suas referências espaciais.

As festas religiosas da Vila de Itaúnas não podem ser vistas como um *folk*, um conto mítico, como uma simples representação de um culto apenas religioso, engessado numa doutrina católica. Ela é uma Instituição do catolicismo popular, como já dissemos, mas é também um ato político, de resistência, uma reafirmação cultural, expressão de uma visão de mundo. Encenação de uma cosmogonia, a hierofania do mundo, como nos mostra Eliade (1992) e Rosendahl (2001; 2008), no que concorda Oliveira (2005). É preciso dar uma ordem ao caos. Esses festejos, através de suas brincadeiras, recriam e reinterpretam a criação de um mundo que tem sentido para os sujeitos/atores da Vila. Nestes momentos, afirmam e reafirmam a tradição como resistência territorial – como práticas sociais recorrentes, e uma forma de lidar com o tempo e o espaço, inserindo marcas rituais sob a forma de atividades ou experiência particular. Estes fazeres com saberes, tanto de cura, como da tradição devocional, configuram-se também

<sup>21</sup> Uma imagem vale mais que mil palavras.

como patrimônios: **imaterial** (danças, coreografias, ritmo, cantigas, melodias, rezas, benzimentos e seu *corpus* de saberes) e **material** (a indumentária das vestimentas, os bordados, o chapéu enfeitado como uma marca, as cores, as bandeiras, bebidas, comidas, etc.) da cultura afro-brasileira. Expressão de uma territorialidade presentificada, que não está apenas na subjetividade, no campo do ideal; ela pode ser filmada, fotografada, e finalmente cartografada como um **carto-fato** de Seemann (2010), num diálogo entre a cultura e mapa<sup>22</sup>. É importante dizer que os carto-fatos expressam os detalhes das geopoéticas do habitar, numa também narrativa.

#### INFERÊNCIAS: PARA NÃO CONCLUIR.

A paisagem do Ticumbi é um texto e apresenta a **geograficidade** do **lugar**, num sentido que Berque (2004), Dardel (2011) e Tuan (2013) lhe dão, respectivamente. Podemos descrevê-la de forma iconográfica, para além de uma experiência estética, de um texto estático, não dialógico – ela é relacional – é construída e constrói – é marca e matriz de uma cultura. Nestes termos é fluída, nada estável. A paisagem é uma experiência que poderá ser dialógica, dialética, intensa, num texto de uma afirmação identitária territorial. Ou nada disso, dependendo da vivência, da experiência que se esteja disposto no “jogo” (pensando na arte).

No caso da Vila, é possível dizer que ela é uma experiência, uma vivência para os comunitários locais. Os agentes (nativos) pesquisados apresentam uma ligação forte com a paisagem, e num sentido histórico remetem a um antes, e um agora. Preocupa um futuro, já

<sup>22</sup> Este mapa é apresentado no trabalho etnogeográfico final em Xavier (2009), e foi chamado de “mapa interpretativo”, posto interpretar as interpretações dos atores locais sobre o espaço vivido da Vila.

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

que a região tem sido alvo de políticas desenvolvimentistas fortes, verticais e que não consideram questões subjetivas, muito menos os festejos devotos como resistência territorial do “lugar” – num sentido experiencial fenomenológico.

Para estes comunitários da Vila de Itaúnas, o espaço do habitar é mítico, carregado de valores, um espaço sagrado (hierofanias) – e o corpo e os corpos transformados em ‘cena’, em teatro, também são paisagem – *póiesis*. O corpo é o lugar mais próximo, imediato, da experiência: “Um lugar através do qual se articulam os sistemas cognitivos, afetivo, emotivo que nos conecta com uma miríade de outros corpos em relação”, nos diz Azevedo (2009, p. 49)<sup>23</sup>.

Os festejos devotos estão para além de um *folk*, pois são manifestações marcadamente territoriais, carregadas de identidade. O congo e o jongo e suas derivações são formas anteriores ao samba, e assim como o jazz, o blues, chorinho, e todas as derivações da sincopa africana, são também estratégias territoriais de inserção social, segundo Sodré (2007), e neste sentido podemos inferir que são formas políticas territoriais de controle, poder e resistência<sup>24</sup>.

Esclarecendo, Sodré (2007, p. 53) informa que “a velha ‘ciência’ do folclore se apoia na separação entre **cultura popular e cultura erudita**. O corte é artificial porque no popular (conotado como o simples, o fácil,

o ingênuo) a erudição (conotada como o complicado e o complexo) está presente.” Infelizmente o erudito folclorista, diz Sodré, precisa desta divisão para instituir seu discurso como efeito de verdade.

O batuque afro-brasileiro traz uma forma teatralizada forte, um jogo cênico – um *mimodrama*, nas palavras de Sodré (2007), onde o “corpo” é dominante, e o corpo é também o lugar da resistência. As mãos que batem no tambor, as mãos que batem forte no pandeiro de couro, numa forma rítmica própria; e os pés que dançam e que marcam forte a terra em compasso, ao mesmo tempo em que o corpo que ginga, e a voz que entoia o canto e clama – buscam outra ordem, buscam nesta encenação paisagística geografizar a terra; numa poética do habitar, demarcá-la, reordená-la, territorializá-la num processo de resistência cultural. Um tempo-espaço marcado pela tradição – como uma forma de releitura e atualização dos elementos culturais. Podemos dizer que no caso do Ticumbi, este é um processo festivo, religioso, que opera uma ordem geossimbólica própria (entre sagrado e profano), e por isso profundamente político, no sentido que lhe confere Arendt (2007), de política como ação no mundo – política como liberdade que surge entre-os-homens-na-relação, entre iguais; nestes termos podemos afirmar que os festejos devocionais são, e de fato, por tudo aqui exposto, uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas. ○

## REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. **O que é política?** 7ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

AZEVEDO, Ana F. de. Desgeografização do corpo, uma política de lugar. In: \_\_\_\_\_.; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (Org.). **Geografias do corpo**: ensaios de Geografia Cultural. Porto: Editoras Figueirinhas, 2009, p. 29-80.

<sup>23</sup>Na trilha principalmente de Michel Foucault, Donna Haraway, e Doreen Massey, apenas para citar.

<sup>24</sup>Esta resistência afro-brasileira, muito se assemelha com a estratégia referida pelo historiador Luiz Antônio Simas, no documentário “Memórias do Cais do Valongo” (MEMÓRIAS, 2014), onde ele diz que a “fresta não é mole”. Sendo este um recurso da capoeira, que Simas compara com o recurso estratégico da Portela, desfilando, ao desfilar com o enredo Inovação, as seis datas magnas da história oficial do Brasil. Esta abre o desfile da escola batendo o naipe de caixa no tom do Agueré de Oxossi – seu patrono, mas o público ignora a sacralidade, e segue com o profano da festa. Porém para os de “dentro” da escola, o som remete ao chamado primeiro do sagrado. “Fresta”, entendemos aqui como saída estratégica-tática no jogo de capoeira, um recurso onde é possível jogar sem que o outro perceba quem está dando as regras do jogo.

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES  
 Maria Aparecida de Sá Xavier

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 84-91.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p.83-131.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Vol. II. 3ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001, p. 18-30; 142-168; 417-427.

CLAVAL, Paul. Campo e perspectivas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 133-196.

\_\_\_\_\_. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 13-74.

CORRÊA, Aureanice de Mello. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global**. 2004. 323 f. Tese (Doutorado em Geografia) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. Festa da Irmandade da Boa Morte: a disputa pelo seu sentido. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 249-278.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. de Werther Holzer.) São Paulo: Perspectiva, 2011.

DI MÉO, Guy. **La géographie en fêtes**. Paris: OPHRYS, 2001.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, J. R. **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 91-132.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

FERREIRA, Simone R. B. **Da fartura à escassez: a agroindústria de celulose e o fim dos territórios comunais no Extremo Norte do Espírito Santo**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

GABARRA, Larissa O. **A dança da tradição: congado em Uberlândia – MG, século XX**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) — Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

\_\_\_\_\_. Congado em Uberlândia: relíquias e memórias. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 34, p. 393-423, jan.-jun. 2006.

\_\_\_\_\_. Congado: Religião e Poder Minas Gerais Século XIX. In: XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, 24, 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPUH, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. **A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo de festa**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1985.

GARCIA, Sylvia Gemignani. Folclore e sociologia em Florestan Fernandes. **Tempo Social**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 143-167, nov. 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000. 102p.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 14ª ed. São Paulo: Ed.Loyola, 2005, p. 185-289.

Os festejos devotos do Ticumbi como uma narrativa identitária territorial na paisagem da Vila de Itaúnas, ES

Maria Aparecida de Sá Xavier

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323p.

\_\_\_\_\_. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001. 247p.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JOGAIB, Alexandre de Oliveira. **A (re) produção territorial do Espírito Santo: do século XVI a XXI**. 2005. 81 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

MARQUARD, Odo. Una pequeña filosofía de La fiesta. In: SCHULTZ, Uwe. **La fiesta**. Barcelona; Madrid: Altaya, 1998, p.356-367.

MEMÓRIAS do cais do Valongo. Direção: Antônio Carlos Muricy, Carlo Alexandre Teixeira (Associação Cultural Ilê Mestre Benedito de Angola – União Angoleira do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EAQranIgyCA>>. Acesso em: jun. 2015.

MELO, Vera Lúcia M. de Oliveira. A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina – EGAL, 10, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EGAL, 2005.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. **O projeto político do território negro do Retiro e suas lutas pela titulação das terras**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, política e religião. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p. 47-77.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2004. 384p.

SEEMANN, Jörn. Cartografia e cultura: abordagens para a geografia cultural. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 115-156.

SODRÉ, Muniz. **Samba o dono do corpo**. 2ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

XAVIER, Maria A. de Sá. **Ticumbi e arte de curar na comunidade da Vila de Itaúnas, C. Barra, ES, como expressões de espacialidades – 2008**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) — Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

\_\_\_\_\_. Homens, deuses e santos no ritual da festa – religiosidade do Ticumbi e arte de curar como expressões de territorialidades da cultura afro-brasileira na Vila de Itaúnas, ES. In: SILVA, Eva A. da; RODRIGUES, Cláudio E. (Org.). **Formação dos professores no Vale do Mucuri: história e cultura da África e Afro-brasileira**. Goiânia: Editora Conceito, 2012.

\_\_\_\_\_.; BASSETTI, Telma. Turismo como aporte ao avanço do capital na Vila de Itaúnas/ES e a cultura como expressão de resistência. **Geografares** – Revista de Pós-Graduação em Geografia, p. 57-71, ago.-dez. 2014.

Submetido em Maio de 2015.  
Revisado em Setembro de 2015.  
Aceito em Outubro de 2015.